

## Webjornalismo diário no Portal NE10: inovação e desafio em #10horas<sup>1</sup>

Marcos Carvalho MACEDO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

O webjornalismo firmou-se como segmento jornalístico quando passou a se diferenciar pela forma de tratamento da informação a partir da exploração de suas propriedades. Despontam formatos híbridos, como as grandes reportagens para a *web*, que se beneficiam do potencial hipertextual e multimídia da internet para abordar em profundidade temas de relevante interesse social. Paradoxalmente, o webjornalismo sobrevive graças a gêneros menos nobres como notícias do cotidiano, quase sempre se utilizando dos recursos básicos de textos e imagens. A tentativa de inovação do Portal NE10, por meio do projeto #10horas, procura soluções para o desafio de abordagens mais aprofundadas no webjornalismo diário. A colaboração dos internautas mostra-se fundamental neste processo, mas não suficiente para superar a limitação de fatores determinantes como tempo, recursos e profissionais.

**Palavras-chaves:** webjornalismo; jornalismo diário; multimídia; colaboração.

### Introdução

O modo de produção jornalística e sua distribuição sofreram mudanças significativas com a ampliação do acesso da população à rede mundial de computadores. As tecnologias digitais estão influenciando tanto o modo como a notícia é apurada e redigida como a forma que ela chega até seu público. A *Word Wide Web*, ou simplesmente *web* tem colocado o jornalismo em rede e despertado para novos modos apresentação da informação.

O processo de afirmação do webjornalismo enquanto segmento jornalístico foi rápido se comparado ao mesmo processo em mídias como o rádio e a televisão. Em todos eles, no entanto, a consolidação desta área da comunicação no suporte midiático levou em conta formatos existentes em mídias anteriores. Apesar das inovações no webjornalismo seguirem este mesmo caminho, o cenário em permanente mutação da cultura participativa e da convergência midiática faz com que apareçam novos desafios, nem sempre bem conhecidos ou dimensionados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFPE, e-mail: marcosjovem@hotmail.com.

O maior dos desafios enfrentados pelo webjornalismo é a conjugação do seu potencial multimídia com um qualificado tratamento noticioso da informação. De um lado a usabilidade dos recursos disponíveis chega a passos lentos às chamadas redações on-line e a vinculação destas com mídias tradicionais podem impedir incursões mais arriscadas. De outro, a simples utilização dessa tecnologia não pode substituir nem retroceder na profundidade e contextualização das abordagens realizadas pelos webjornalistas.

Nesse cenário, chama atenção tentativas como a do Portal NE10 de propor um projeto de webjornalismo diário voltado para abordagens mais aprofundadas de temas de relevante interesse noticioso. A originalidade da proposta do #10horas, de produzir a cada dia uma espécie de reportagem multimídia é, no mínimo, ousada. Portais de maior alcance como o UOL mantêm um projeto de reportagem multimídia, o *UOL TAB*, mas sua publicação é semanal.

Nosso objetivo neste trabalho, portanto, será verificar, a partir das reportagens do #10horas, em que medida pode ser realizado um webjornalismo diário que, valendo-se dos formatos multimídias e das propriedades da hipertextualidade, não se limitem às notícias do cotidiano, mais curtas e menos aprofundadas. Analisaremos os principais aspectos das reportagens veiculadas no período de execução do projeto, procurando perceber sua estrutura, o nível de investigação temático, bem como identificando as potencialidades e os desafios presentes.

Antes desta análise, porém, será necessária uma melhor definição do que seja o webjornalismo, de suas características e diferenciações em relação ao tratamento noticioso realizado por outros meios. Tomando como referência o gênero das grandes reportagens multimídias, identificado até então como a forma ideal de desenvolvimento do webjornalismo, problematizaremos a questão a partir dos portais jornalísticos, cuja prática mais recorrente é apresentar as informações por meio de notícias do dia-a-dia, que nem sempre aproveitam as potencialidades do ambiente digital da *web*.

## **O webjornalismo**

As tentativas de definição do fenômeno provocado pelas novas tecnologias no jornalismo têm sido muitas. A diversidade de termos empregados e a falta de consenso dos pesquisadores quanto ao seu uso mostram tratar-se de algo novo, em processo contínuo de

mudança, construção e reconstrução. Jornalismo eletrônico, online, digital, multimídia ou para *web*, empregados muitas vezes como sinônimos, tem, no entanto, a sua distinção.

Mielniczuk (2003) procura sistematizar estes conceitos propondo uma hierarquia entre eles que permita uma melhor compreensão do fenômeno midiático atual. O esquema traçado pontua algumas características específicas de cada termo. O jornalismo eletrônico seria o mais abrangente contemplaria todos os equipamentos e recursos eletrônicos, inclusive os analógicos. O jornalismo digital ou multimídia estaria restrito ao emprego da tecnologia digital através da transmissão de dados em forma de bits. O ciberjornalismo envolveria as tecnologias que utilizam o ciberespaço, isto é, o ambiente virtual interligado ou não em rede. O jornalismo online seria aquele que utiliza tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real. E o webjornalismo aquele que faz uso de uma plataforma específica da internet, que é a *web*. Desenvolveremos mais detidamente os conceitos referentes ao webjornalismo porque nos ajudarão na caracterização do objeto de nossa pesquisa.

O webjornalismo tem se formado, a exemplo do surgimento de áreas como o radiojornalismo ou o telejornalismo, a partir de uma adaptação do jornalismo já existente. Neste novo segmento a maior aproximação foi com o jornalismo impresso. Não por acaso muitos jornais foram obrigados rapidamente a incorporar as novas tecnologias na sua rotina de produção e distribuição de informações, alguns inclusive chegando a desaparecer no suporte de papel para atuarem apenas na *web*.

Em pouco tempo o webjornalismo passou de simples reprodução do conteúdo dos jornais impressos para explorar as múltiplas possibilidades de linguagens que o novo ambiente midiático proporcionava. Alguns autores tentam sistematizar este processo em fases ou gerações: a primeira, no início dos anos 1990, considerada fase da transposição do impresso para a *web*; a segunda geração, em fins da mesma década, com ensaios de novas experiências que exploravam o hipertexto e a memória noticiosa; a terceira geração, nos anos 2000, identificada como webjornalismo em sua essência por explorar as potencialidades da *web* e os recursos multimídias como sons e imagens animadas, com atenção especial para a interatividade com os usuários (MIELNICZUK, 2003); uma quarta geração, marcada pelo jornalismo em base de dados e operado na lógica multiplataforma; e uma quinta geração operada pelas mídias móveis, sobretudo *smartphones* e *tablets*, que geraram novo ciclo de inovação com aplicativos jornalísticos (BARBOSA, 2013).

O esforço de sistematização deste segmento jornalístico tem sido recorrente, apesar das rápidas mudanças e das muitas incertezas que o universo da *web* apresenta. Para tentar caracterizar o webjornalismo, Canavilhas (2014) reúne diversos pesquisadores para apontar sete particularidades que distinguem o jornalismo que se faz na *web* daquele realizado em outros meios. Hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade são analisadas de forma pormenorizada para evidenciar como o fenômeno do webjornalismo ganhou, em pouco tempo, um espaço próprio no campo das ciências da comunicação.

Interessa-nos aprofundar as duas primeiras características apontadas, a hipertextualidade e a multimídia, porque elas são fundamentais para compreensão do gênero que vem se consolidando no webjornalismo, a reportagem multimídia, herdeira da grande reportagem nos jornais impressos.

Canavilhas (2014) reúne diversos autores para chegar a uma definição do que seja hipertextualidade. Em síntese, o hipertexto tem a função de ligar textos entre si, através de links, proporcionando uma leitura não sequencial. Não se trata aqui de reduzir o hipertexto ao hiperlink como modo de ligação de textos. O autor procura ampliar o conceito discutindo a arquitetura noticiosa através da inter-relação entre blocos informativos fragmentados e autônomos de sentido, sejam em textos, imagens, sons ou vídeos. O modo de remissão destes blocos produzidos para uma reportagem estruturada de forma fragmentária na *web* constitui-se a propriedade que chamamos de hipertextualidade.

Salaverria (2014) sintetiza a noção mais usual de multimídia como combinação de linguagens ou formatos – texto, som, imagem, vídeo... - e define esta característica do webjornalismo “simplesmente como a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem”. Esta é uma característica presente em outras mídias. O que aconteceu com o surgimento da internet é que esta permitiu a integração de múltiplos formatos comunicativos. Ainda assim, “quem desejar explorar ao máximo o potencial comunicativo da internet necessita contar com excelentes dotes de escritor e com grandes aptidões para a narrativa gráfica e audiovisual” (SALAVERRIA, 2014, p. 33).

Explorar as potencialidades de cada linguagem ou formato é fundamental para a construção de uma mensagem multimídia: texto, fotografia, gráficos, iconografia e ilustrações estáticas, vídeo, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros, como também a vibração já explorada pelo jornalismo para dispositivo móveis. Alguns critérios para a

coordenação destes elementos também são apontados por Salaverria (2014): a combinação de elementos compatíveis entre si; a complementaridade e o enriquecimento mútuo; a ausência de redundância entre os elementos; o estabelecimento de hierarquias atribuindo protagonismo a algum elemento em detrimento dos demais; a consideração das possíveis limitações dos utilizadores como tempo, espaço, tráfego de dados para visualização, etc.; respeito a certos parâmetros de adaptação para *web*.

Dentre os formatos que o webjornalismo tem desenvolvido, a reportagem vem se destacando como a modalidade mais expressiva, justamente por aproveitar o potencial hipertextual e multimídia existentes na rede mundial de computadores. Longhi (2014) faz um apanhado da evolução dos conteúdos noticiosos na *web*, apontando a consolidação da grande reportagem multimídia, “definida por técnicas como o *parallax scrolling*, ambientes e ferramentas como HTML5, CSS, narrativas imersivas e texto *long form*, dentre outras características inovadoras de design e navegação”.

Para a autora o ponto de virada na produção multimídia em webjornalismo é a passagem dos especiais multimídias, organizado através da fragmentação textual por blocos temáticos, para grandes reportagens como *Snow Fall*, do *The New York Times* (2012) e *A Batalha de Belo Monte*, da *Folha de São Paulo/Uol* (2013). Este novo formato de narrativas jornalísticas *long form* apresentam textos mais longos, com mais de 4000 palavras, maior aprofundamento temático, e atenção especial para o design responsivo, nos quais a interface se adapta ao suporte que o usuário está usando, seja computador, *tablet* ou *smatphones*.

Nos especiais multimídias ou nas grandes reportagens, a hipertextualidade e a multimídia são desenvolvidas de forma a explorar ao máximo as funções jornalísticas alargadas pelo ambiente digital da *web*. A relação estabelecida entre as informações, a coordenação das linguagens e a interatividade com os usuários possibilitam a hibridização de formatos em vista de uma melhor contextualização das informações.

A hipertextualidade e a multimídia na reportagem webjornalística permitem incrementar o caráter documental do gênero e valorizar os elementos que dão sentido ao discurso com base em dois princípios básicos: a coerência informativa e a densidade informacional. Assim, o hipertexto e as modalidades comunicativas enriquecem as funções do gênero, ampliando seus usos para informar sobre temas e/ou eventos complexos, e fortalecem os discursos jornalísticos de aprofundamento da informação, ampliação e contextualização dos fatos narrados. A hipertextualidade pode proporcionar ainda o enriquecimento da experiência do leitor com o conteúdo por meio da construção de diferentes percursos de leitura e exploração dos recursos hipertextuais (personalização). (CANAVILHAS e BACCIN, 2015, p. 16).

Apesar deste potencial, as produções de grandes reportagens multimídias têm sido raras porque exigem grandes investimentos. Demandam recursos financeiros, tempo maior de apuração e um grupo qualificados de profissionais de jornalismo, fotografia, vídeo e design. Somente os grandes veículos arriscam-se a implementar projetos desse tipo.

### **O jornalismo diário na web**

O webjornalismo nasceu nos sites de notícias dos jornais impressos. Os primeiros sites brasileiros deste tipo, do *Jornal do Brasil* e do jornal *O Globo*, foram criados na segunda metade da década de 1990 (FERRARI, 2004). Esta geração inicial do jornalismo praticado na *web* “não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias” (MIELNICZUK, 2003, p. 32). Pouco a pouco, à medida que o número de usuários de internet crescia, foram surgindo os portais que reuniam páginas de conteúdos diversos, mas que tinha como chamariz conteúdos jornalísticos nas páginas iniciais.

As redações dos jornais impressos passaram a investir em redações on-line para desenvolver conteúdos compatíveis com as linguagens suportadas na *web*, procurando explorar as características próprias da rede. Ainda assim, a produção de notícias sempre foi o gênero mais recorrente nesta área e as dificuldades de cobertura justificaram práticas como a reedição de conteúdos.

No caso específico das redações on-line, a produção de reportagens deixou de ser um exercício do jornalismo. Adotou-se apenas a produção de notícias, ou como se diz no jargão jornalístico, de empacotamento da notícia. Empacotar significa receber um material produzido, na maioria das vezes, por uma agência de notícias conveniada, e mudar o título, a abertura, transformar alguns parágrafos em outras matérias para ser usada como link correlato, adicionar foto ou vídeo, e por aí afora. (FERRARI, 2004, p. 44)

Como nos jornais impressos, a maior produção de conteúdos no webjornalismo refere-se a notícias de cobertura cotidiana. Ainda que a prática do empacotamento tenha cedido lugar a apuração de conteúdos originais, as notícias continuaram o gênero mais recorrente. Medina (1988) afirma que o jornalismo é, acima de tudo, notícia. A constatação parte da observação da grande imprensa brasileira, mas adequa-se hoje também ao webjornalismo, que tem sido a fonte primária de informação das pessoas.

As notícias predominam no dia-a-dia, carregadas da dupla função de informar/distrair. Procuram atingir o nível massa de leitores, daí a ênfase em informações sonho/realidade, tais como noticiário do mundo dos olímpicos, novidades da sociedade, política e o mundo das emoções primárias, serviços de

lazer, entrevistas e perfis de interesse humano – matérias ditas amenas. (MEDINA, 1988, p. 63)

A exigência da cobertura noticiosa factual é favorecida pela transmissão de informações em tempo real que a internet potencializa. Isso não impede uma cobertura de temas mais gerais, que muitas vezes carecem de interpretação e contextualização. Esta cobertura pode ser ainda mais enriquecida pelos recursos, formatos e linguagens disponíveis na *web*.

Não podemos deixar de citar a transformação provocada pelas novas tecnologias também no modo de consumo dos internautas. Passou-se do modelo unidirecional, utilizado pelo impresso, pelo rádio e pela televisão, para um modelo mais aberto, que incorpora a colaboração dos usuários no processo de produção e difusão da notícia. Esta interatividade já existia em outras mídias, mas seu acesso não era tão amplo quanto aquele possibilitado pela internet. A cultura participativa tem rompido com a fronteira entre produtores e consumidores de mídia, agora considerados “participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras” (JENKINS, 2009, p. 30).

Entretanto, o grande desafio que se impõe ao webjornalismo é uma cobertura mais aprofundada dos temas diários. Isso requer investimentos financeiros, maior tempo na apuração e certo número de profissionais. Do ponto de vista do consumo, outro grande desafio é o suporte de leitura: a tela luminosa do computador cansa a visão por isso, apesar do espaço limitado, a recomendação é que não se construa blocos de texto muito longos. A articulação entre fotos, vídeos e infografias revela-se uma estratégia utilizada pelas reportagens multimídias *long form* para vencer essa limitação do suporte.

Diante disso, a grande questão que se apresenta quanto a possibilidade de se desenvolver um webjornalismo diário que explore significativamente a hipertextualidade e a multimodalidade. Dito de outra forma: será possível tratar de temas não necessariamente factuais, mas igualmente importantes no jornalismo diário para a *web*, desenvolvendo de maneira satisfatória as diversas linguagens e formatos que o ambiente em rede possibilita? Nosso questionamento justifica-se tanto pela escassez de tempo de apuração – um dia – que uma abordagem mais aprofundada demanda, quanto pela realidade das redações dos portais, quase sempre reduzidas e centrando na pessoa do jornalista uma polivalência midiática, temática e funcional (SALAVERRIA, 2014).

## Reportagens diárias em #10horas

O projeto #10horas foi implementado em 21 de setembro de 2015 pelo Portal NE10, do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC), em Recife-PE. A proposta de webjornalismo diário<sup>3</sup> era trazer, de segunda a quinta-feira, reportagens multimídias produzidas ao longo do dia, mais precisamente em 10 horas - entre 8h e 18h -, apresentando e discutindo temas relevantes, contando sobretudo com sugestões de pautas dos internautas. Uma ousadia, poderíamos dizer, pois o jornalismo que explora a multimídia, marcado por um maior aprofundamento das reportagens interpretativas, requer tempo, profissionais e recursos para uma apuração mais ampla e detalhada, diferentemente do jornalismo diário pautado pelo gênero de notícias.

Considerar o tempo fator transponível para apuração da notícia até pode ser possível quando se conta com uma equipe de profissionais suficiente. No caso do Portal NE10, a solução encontrada não foi a ampliação de pessoal da redação. Para otimizar os recursos humanos, o projeto utilizava o sistema do rodízio, no qual todos os profissionais do Portal participariam ao menos uma vez por semana da produção de matérias. A equipe do #10horas, geralmente formada por um editor, dois repórteres, um estagiário e um *web designer*, realizava uma primeira reunião de pauta às 8h, definindo temas e abordagens possíveis.

Quanto aos recursos, aí releva-se outra nuance do projeto, não tanto pelos custos, mas principalmente pela praticidade e inovação. Na apuração utilizava-se equipamentos portáteis como *Ipshones* e roteadores, além de aplicativos como *whatsapp*, *iMovie* e *periscope* (Figura 1). Estas novas tecnologias ao mesmo tempo que facilitam a apuração da pauta, concentra funções em um único profissional e pode pôr em risco o material produzido. Além de definir os ângulos da matéria, o repórter multimídia é responsável por registrar sons e imagens, e editá-las, assim como o texto da matéria.

---

<sup>3</sup> A WAN – Associação Mundial de Jornais adotou a definição da UNESCO para jornais diários como aqueles publicados no mínimo quatro dias por semana. Jornais não diários são aqueles publicados 3 dias ou menos (Associação Nacional de Jornais).





Figura 1: Equipe e equipamentos utilizados na reportagem de 22 de setembro de 2015.

A escolha do horário de produção e circulação das reportagens teve em vista o melhor aproveitamento do fluxo de informações nas páginas do Portal NE10, nos perfis de redes sociais como *facebook*, *twitter* e *instagram*, e no aplicativo de jornalismo colaborativo do próprio SJCC, o APP *ComuniQ*. A estratégia de colaboração dos internautas consistia desde votações em enquetes para temas a serem abordados, até sugestões de fontes para entrevistas ou perguntas que poderiam ser feitas em tempo real durante o processo de apuração das reportagens.

Na tentativa de explorar ainda mais a cultura participativa, a redação lançou mão do recurso de evidenciar o próprio processo de construção da notícia, chamando o internauta a tomar conhecimento da apuração. Em matéria publicada dias antes da estreia do projeto, a editora do Portal NE10, Julliana Mello, explicava que perceberam a curiosidade dos internautas “em conhecer os bastidores da notícia, saber como o profissional chegou até o fato”, o que sugere um jornalismo mais transparente e colaborativo, que mostra tanto a notícia como os detalhes do processo de sua composição.

Expor o processo de apuração tem sido uma prática recorrente no jornalismo investigativo, sobretudo no telejornalismo. Programas como *Profissão Repórter*, da Rede Globo, *Repórter Record Investigação*, da Rede Record, e *Conexão Repórter*, do SBT, exploram esta perspectiva, incorporando também à matéria jornalística os bastidores das reportagens, as dificuldades de apuração, os processos de busca de informações e entrevista, como forma de dar maior legitimidade à própria matéria.

A figura do jornalista como detetive ou aquele que tem acesso às informações mais secretas ainda faz parte do imaginário popular e colabora para gerar no público a curiosidade a respeito do processo de apuração da notícia. Oferecer a oportunidade de conhecer e colaborar neste processo tem sido uma forma de engajamento e fidelização dos usuários no webjornalismo, e o Portal NE10 não deixou de seguir esta tendência. Nesta linha é que tanto as abordagens da reportagem eram anunciadas na primeira publicação do dia, quanto os equipamentos utilizados pela equipe eram informados ao fim das reportagens (Figura 1).

No #10horas a primeira publicação era feita no Portal entre as 9h e 10h, logo após a reunião de pauta da equipe do dia. Esta matéria tinha por finalidade informar aos usuários o tema da reportagem e as abordagens que seriam desenvolvidas ao longo do dia, convidando-os a colaborar na produção do conteúdo. Para a reportagem do dia 28 de setembro, por exemplo, o tema escolhido partiu de um fato ocorrido no dia anterior, a morte do mecânico Ricardo Alves, de 31 anos, vítima de bala perdida nas proximidades do Complexo Prisional da Zona Oeste do Recife. Na matéria publicada às 9h42 no Portal, a equipe informava assim as abordagens a serem desenvolvidas ao longo do dia:

A reportagem pretende mostrar o dia a dia dos vizinhos do complexo prisional do Curado (antigo Aníbal Bruno); a dor dos amigos e familiares de Ricardo Alves; uma visão geral da Avenida Liberdade - corta cinco bairros -; casos recentes de bala perdida em Pernambuco e como todos nós devemos nos proteger em caso de tiroteio. Participe usando a hashtag #10Horas.

Mas o desenvolvimento de uma reportagem baseada em um acontecimento foi exceção à regra no #10 horas. A maioria dos temas escolhidos eram “matérias de gaveta” ou *feature* que aprofundam um assunto em busca de uma dimensão mais atemporal. Uma estratégia possível para superar o imprevisto dos dia-a-dia noticioso, nem sempre favorável a abordagens mais amplas. A perspectiva assumida pelo projeto aproxima-se muito mais do jornalismo de revista, de abordagens temáticas mais interpretativas.

As abordagens procuravam variar o máximo possível os enfoques, mas percebe-se que o limite imposto de tempo impede não tanto a pesquisa ou apuração quanto a redação dos textos e edição de vídeos. Algumas matérias apresentavam textos mais longos, revelando um aprofundamento temático, enquanto outras apresentam apenas dois parágrafos.

No que se refere a apuração, nota-se ainda que algumas matérias foram produzidas a partir de informações colhidas exclusivamente na internet ou nas redes sociais, já que não aparecem outras fontes ou imagens autorais ao longo do relato noticioso. Na maioria dos

casos, porém, percebemos o esforço de investigação e busca de fontes, abordando diversos pontos de vistas.

Nas três primeiras semanas do #10horas foram produzidas uma média de 5 matérias diárias referentes ao tema específico. A forma de organização de cada reportagem recorre ao recurso da hipertextualidade, por meio de blocos informativos, reunidos na sessão #10horas, dentro da aba Notícias do menu principal do Portal (Figura 2). Acessando uma das matérias do tema daquele dia, *links* situados em um quadro lateral no corpo do texto apresentam outros títulos das matérias relacionadas. Esta forma de estruturação da reportagem reflete a própria forma de organização da apuração, em que cada repórter desenvolve uma ou duas das pautas do tema do dia.



Figura 2: Disposição das matérias que compõem a reportagem do dia no Portal NE10

O potencial multimídia do #10horas é revelado através do esforço dos jornalistas em variar as linguagens na mesma matéria, propondo vídeos, infográficos e galerias de fotos ao longo do texto escrito. O uso recorrente de infografias procura dinamizar a apresentação das matérias. Apesar da criatividade, a maioria dos infográficos não se preocupa em minimizar a quantidade de informações textuais. A produção de vídeos para as matérias também não

explora bem a linguagem audiovisual. Resumem-se, na maioria das vezes, a uma entrevista com uma fonte, seja ela de autoridade, testemunho ou especialista, e descuida na edição por apresentar outras imagens para além do entrevistado. O excesso de ruídos é outro fator, associado principalmente aos equipamentos portáteis utilizados.

Caracterizado como produto de jornalismo de colaboração, a interatividade apresenta-se como a principal promessa do #10horas. Esta propriedade do webjornalismo é explorada principalmente através da rede social *twitter* (Figura 3). É por meio do microblog que o internauta acompanha a apuração jornalística, inclusive, com transmissões ao vivo através da ferramenta *periscope*. Encontramos, por exemplo, na matéria de 24 de setembro de 2015 publicada às 17h58, uma destas gravações, na qual uma dupla de mágicos visita a redação do Portal NE10 e interage com os repórteres e os internautas, respondendo a perguntas ou propondo desafios. O tema desenvolvido naquela data era a arte circense.



Figura 3: Publicações do Portal NE10 no *twitter* convocando os internautas à colaboração

Ao mesmo tempo que provoca interação, os equipamentos utilizados pelos repórteres exploram a instantaneidade quando estes publicam chamadas para a notícia ou transmitem ao vivo, com o auxílio de roteador 4G e através do *periscope*, momentos como o lançamento da Campanha de Combate a Corrupção pelo Ministério Público de Pernambuco (Figura 4). A ação pôde ser conferida ao vivo pelo usuário no momento mesmo da apuração da matéria, que só foi publicada no Portal às 17h52 daquele dia.

As interfaces de design, tão bem exploradas em especiais multimídias ou grandes reportagens multimídias, não tiveram grandes possibilidades no #10horas. Apesar de ter um profissional da área integrando a equipe, seu trabalho resumia-se às infografias apresentadas nas matérias. É que os conteúdos de cada dia eram inseridos dentro do Portal, que possui um layout próprio, com menus ocupando praticamente metade da página, sem maiores possibilidades de inovações visuais, a exemplo do formato *long form* quando nos

referimos as reportagens multimídias. A saída possível para o *deadline* limitado, especialmente para os profissionais de design, foi a utilização do próprio ambiente do portal.



Figura 4: Publicações do Portal NE10 no *twitter* convidando os internautas para apuração ao vivo.

A iniciativa do jornalismo diário do #10horas, de aprofundar temáticas de relevante interesse público, só se concretizou efetivamente por três semanas. A partir da quarta semana a média de dias em que foram realizadas reportagens foi decrescendo até chegar a uma reportagem, deixando, portanto, de ser diário. Ao todo foram abordados 34 temáticas de áreas como cultura, meio ambiente, economia e problemas sociais como saúde, violência, corrupção, serviços públicos, entre outros. Em 06 de janeiro de 2016 o Portal NE10 publicou a última reportagem com a marca #10horas. Até então o projeto não retomou suas atividades, mas há promessa dos editores de continuidade para o segundo semestre de 2016.

## Conclusão

As novas tecnologias têm feito emergir novas formas de comunicação. O webjornalismo tem avançado no sentido de explorar cada vez mais as potencialidades da internet, como a hipertextualidade e a multimidialidade. A forma ideal de articulação destes recursos tecnológicos tem sido as grandes reportagens multimídias, que além de articular o uso de diversas linguagens e formatos, revela um trabalho profundo de abordagem jornalística.

Apesar disso, portais de notícias como principais espaços do webjornalismo, tem desenvolvido um jornalismo mais factual, do cotidiano, explorando sobretudo o gênero informativo de notícias. A tentativa de inovação do Portal NE10, através do projeto #10horas, de um webjornalismo diário realizado de modo mais aprofundado é louvável, mas revela também seus desafios. Num ambiente de cultura participativa, a colaboração dos internautas na produção e distribuição de conteúdos jornalísticos desponta como uma

possibilidade: eis a lição do #10horas. As possibilidades de abordagens ampliadas no webjornalismo diário dependem fundamentalmente de fatores como recursos, tempo e profissionais: permanece o desafio.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Definição de Jornais diários**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/definicao-de-jornais-diarios/>> Acesso em 30 maio 2015.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: Canavilhas, João (org). **Notícias e Mobilidade: o Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: LabCom, 2013.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: Canavilhas, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014

CANAVILHAS, João. BACCIN, Alciane. Contextualização de reportagens hipermídia: narrativa e imersão. **Brazilian Journalism Research** – v. 1, n. 1, 2015. p. 10-27. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/716/616>. Acesso em: 30 maio 2016.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2. ed., 2009.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, set-dez 2014, p. 897-917. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>>. Acesso em 30 maio 2016.

MEDINA, Cremilda. **Notícias, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Salvador: UFBA, 2003. 246 p. Tese (Doutorado) - Programa De Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporânea, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PORTAL NE10. **NE10 aposta em reportagem colaborativa em #10Horas de produção**. Disponível em: <http://noticias.ne10.uol.com.br/10horas/noticia/2015/09/19/ne10-aposta-em-reportagem-colaborativa-em-10horas-de-producao-569647.php>. Acesso em 30 maio 2016.

SALAVERRIA, Ramon. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: Canavilhas, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014.